



UNICAMP

P41.34

EVENTO: Grupo Alvin Ailey

VEÍCULO: O Estado de São Paulo

DATA: 10 de dezembro de 1993

PÁGINA: D 5

SEÇÃO: Caderno 2



CADERNO 2

SEXTA-FEIRA, 10 DE DEZEMBRO DE 1993

O ESTADO DE S. PAULO - D5

DANÇA

Grupo de Alvin Ailey lembra morte de seu diretor em espetáculo

Coreografias procuram retratar os conflitos raciais e o sentimento de perda dos bailarinos da companhia

JENNIFER DUNNING
The New York Times

O grupo de dança e teatro Alvin Ailey completa 35 anos este ano. Comemorando a data, o grupo começou anteontem sua temporada de um mês no City Center, Nova York, com um espetáculo apresentando mais celebridades do que nunca e um elenco de antigos bailarinos de Ailey.

Mas também haverá uma visão singular de Nova York no programa. Intitulada *Hymn*, coreografia criada este ano por Judith Jamison, antiga estrela de Ailey que hoje dirige sua companhia, e Anna Deavere Smith, atriz e escritora.

O centro do espetáculo é um libreto escrito por Smith, que ganhou destaque no ano passado nos Estados Unidos com *Fires in the Mirror*, um exame vivo e sensível do ódio racial, baseado em entrevistas feitas com negros e judeus em Crown Heights, no bairro do Brooklyn, palco de distúrbios em 1991. Usando técnica similar, Smith entrevistou Judith Jamison, todos os 31 dançarinos do grupo e Masazumi Chaya, antigo dançarino da companhia e atualmente seu diretor artístico associado.

A coreografia foi em parte tirada das observações que Jamison

fez das artimanhas individuais dos bailarinos, como as expressivas mãos de Sarita Allen, mostradas numa das partes. Os participantes desta peça, que inclui Jamison e Chaya, dançam ao som de um jazz pulsante, composto por Robert Ruggieri. Smith os acompanha, passando entre os dançarinos e falando um texto tirado de suas conversas com eles. "Quem foi Alvin Ailey?", ela perguntou. "O que significa ser um bailarino? Por que você ainda está na companhia? Você foi afetado pelas mudanças na sua profissão, pelas variações no estilo da dança de um novo diretor, com idéias próprias, que apareceu quatro anos atrás quando Ailey morreu?"

O resultado é uma peça cheia de padrões alternados e expressões catárticas de alegria e tristeza, que possibilitam a seus participantes refletir sobre suas carreiras e vidas de maneiras novas. "Senti que estávamos dançando este espetáculo para Alvin", disse Michael Joy, um dançarino magro que usa óculos e que entrou para o grupo cinco dias antes da morte de Ailey. "É como se ele estivesse nos observando. Penso que isto o faria feliz e orgulhoso. Pelo menos eu assim espero", concluiu.

Hymn surgiu depois que Jami-



Toni Pierce com Leonard Meek (acima) e Andre Tyson e Danielle Gee: homenagem em estilos variados, que vão do clássico ao jazz

son assistiu *Fires in the Mirror* e convidou os integrantes da companhia a ver o espetáculo solo.

Logo depois, ela anunciou aos dançarinos que Smith colaboraria com eles num trabalho no qual fariam sobre Alvin Ailey e a dança. Muitos ficaram apreensivos com o projeto. Mas, mesmo assim, entrevistas de 50 minutos foram marcadas nos escritórios de Ailey em Nova York e nos camarins da trupe durante apresentações em Baltimore. "Senti como se estivesse indo para um psiquiatra", disse Raquelle Chavis, dançarina da companhia há sete anos. "Algumas pessoas tiveram uma reação muito emocional."

Depois das entrevistas, Smith fez o roteiro, o qual Jamison reviu antes de fazer a coreografia.



Companhia tem 35 anos

CÉLIA GOUVÊA
Especial para o Estado

Hymn, uma das atrações do programa da Alvin Ailey Dance Theatre, reflete os conflitos gerados pelo multiculturalismo em Nova York e o sectarismo racial resultante. A dança afro-americana da companhia não é sectária. Abrange uma grande variedade de formas e estilos como o balé, o jazz, as técnicas de Lester Horton, Katherine Dunham e Martha Graham.

Judith Jamison, coreógrafa de *Hymn* e diretora da companhia, foi descoberta em 1964 por Agnes de Mille e tornou-se célebre como bailarina graças aos solos criados para ela por Ailey. O mais famoso é *Cry*, de 1971. Jamison carrega hoje a difícil tarefa de manter a vitalidade artística de uma companhia após a morte de seu criador.

Desde 1962 a companhia de Ailey viajou pelo mundo todo, apresentando-se para cerca de 15 milhões de espectadores. Uma indicação de sua popularidade foi a ovação que recebeu em Leningrado durante 23 minutos, em 1970, quando foi a primeira companhia americana a se apresentar na União Soviética.

Nascido no Texas em 1931, filho de um granjeiro, Ailey praticou atletismo desde a juventude. Em Nova York atuou em peças "off Broadway" e estudou dança moderna com as principais mestras (Martha Graham, Doris Humphrey, Hanya Holm e Anna Sokolov), até fundar sua companhia em 1958, integrada exclusivamente por negros.

Embora hoje racialmente integrada, as obras mais significativas do repertório da companhia são de autoria de coreógrafos negros como Talley Beat e Bill T. Jones. A importância de Ailey consiste em ter sido um de seus iniciadores.